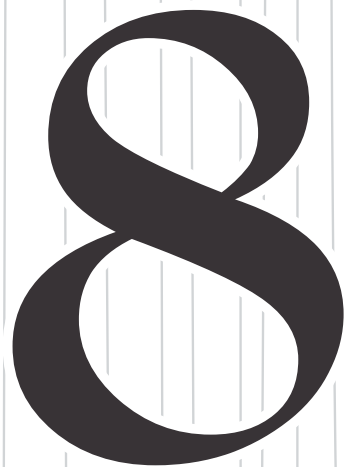


# Deuses e Monstros: envelhecimento e (homo)sexualidade nas tramas da abjeção

*Gods and Monsters: aging and (homo)sexuality in the plots of abjection*

**Fernando Pocahy**

*Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
Doutorado em Educação e Mestrado em Psicologia Social e Institucional  
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
pocahy@uol.com.br*



## Resumo

Este artigo refere-se a uma problematização sobre gênero, homo/sexualidade e envelhecimento a partir do filme *Deuses e Monstros* (1998). Esta reflexão foi produzida a partir de aportações teórico-metodológicas e discursivo-desconstrucionistas, sobretudo aquelas presentes nos estudos *queer* e nos estudos culturais foucaultianos. A análise permitiu-nos considerar a relação de transmissão entre uma memória (política) das homo/sexualidades e as vertigens intergeracionais das masculinidades em seus apegos e desapegos, bem como compreender movimentos da produção discursiva do envelhecimento e da homossexualidade como posições de abjeção.

Palavras-chave: Envelhecimento. Homossexualidade. Abjeção. Corpo. Cinema.

## Abstract

This article refers to a problematization about gender, homo/sexuality and aging by the movie *Gods and Monsters* (1998). This reflection was made through contributions theoretical-methodological, discursive-deconstructionist, specially those in the queer studies and foucaultian cultural studies. The analysis allowed us to considerate the relation between the transmission of a (political) memory of homo/sexualities and the intergenerational vertigo of masculinities in their attachments and disattachments, as well as to comprehend movements of discursive production of aging and homosexuality as positions of abjections.

Keywords: Aging. Homosexuality. Abjection. Body. Cinema.

## Entre Deuses e Monstros: desejo e abjeção em cena

O filme em tela neste artigo aborda algo da vida de um velho gay, diretor de cinema gay, James Whale, através das mãos de um jovem diretor de cinema, também gay, Bill Condon. A aposta nas tramas intergeracionais presentes nesse filme oferece uma produtiva cena poético-existencial sobre a amizade entre um homem idoso, interpretado pelo ator Ian McKellen, também gay, e um homem jovem (presumidamente) heterossexual.

Nessa poética da transmissão das memórias das homossexualidades<sup>1</sup>, destaca-se que este artigo é escrito também por um outro homem homossexual, um (jovem) pesquisador gay, compondo uma narrativa entre-homens na problematização da homossexualidade como ficção política e na fabricação cultural da heterossexualidade e outras interpelações atormentadas pelo dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, [1976] 1997) como elementos incontestáveis, ocupando uma posição naturalmente privilegiada sobre todas as outras formas de experimentação do desejo/prazer.

Este artigo discute a produção de pedagogias culturais – de gênero e da sexualidade – (LOURO, 2000) como elemento produtivo para compreender os discursos que cercam as experimentações homo/eróticas na cama das políticas socioculturais de gênero em suas intergeracionalidades<sup>2</sup>. Ao tomarmos a narrativa fílmica de *Deuses e Monstros* como entrada de problematização<sup>3</sup>, temos a chance de acompanhar um certo movimento de tensão nas representações de gênero, regulações e prescrições da sexualidade e da idade desde uma sociabilidade entre homens.

Nesse sentido, busco em elementos espaçotemporais, pedagógicos e

---

<sup>1</sup> Opero neste artigo com uma “conformação linguística”, referente a um modo de assujeitamento, expressa na “homossexual”. Ao utilizar essa categoria, eu a tomo como uma interpelação discursiva, como performatividade. Assim, o seu uso não tem outro objetivo que aquele da própria desestabilização/ contestação dessa forma de apego identitário. Ou seja, assumo uma posição tática diante dos jogos de saber-poder que operam na produção de estratégias de manutenção e controle da vida, implodindo com a maquinaria heteronormativa que realoca o desejo no plano do anormal e da abjeção em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural, como afirma Preciado (2011).

<sup>2</sup> O conceito de interseccionalidade (BILGE, 2009; VIGOYA, 2008; PISCITELLI, 2008; DORLIN, 2005) é acionado nessa problematização como elemento produtivo na compreensão dos discursos normativos e das práticas regulatórias e objetivadoras sobre corpo, gênero e sexualidade. Ao apostar nesse conceito-prática feminista, busco condições políticas e epistemológicas para consubstanciar relações sociais e culturais, tanto em suas formas de dominação quanto nas possibilidades de experimentação e produção de novos modos de vida em seus arranjos éticos, estéticos e políticos (POCAHY, 2013).

<sup>3</sup> O cinema é pensado aqui como uma forma, entre outras (em todo caso, um artefato cultural), para o alargamento das condições de possibilidade sobre a ficção/fabricação das realidades etno-sexo-generificadas. Segundo Louro (2007, p. 81), “uma das formas mais significativas e persistentes da combinação cinema e sexualidade pode ser examinada nos filmes propriamente ditos, nas ideias que eles nos ‘convocam a visitar’ [...] ou nas pedagogias culturais que eles exercitam”.

estéticos algo das relações que fabricam o gênero na experiência cultural envelhecimento, ocupando-me de pensar como o corpo idoso se movimenta entre discursos e práticas que cercam a experiência política da homossexualidade contemporânea – aqui, através de uma cena de cinema. Essa aposta vem no rastro das problematizações de Teresa de Lauretis (2007, p. 75-76), quando afirma:

A construção do gênero segue através de tecnologias de gênero múltiplas (o cinema, por exemplo) e de discursos institucionais (a teoria, por exemplo) que têm o poder de controlar o campo das significações sociais e portanto de produzir, promover e “implantar” representações de gênero. Entretanto, as condições de possibilidades de uma construção diferente do gênero também existem nas margens dos discursos hegemônicos. Situadas fora do contrato social heterossexual e inscritas nas práticas micropolíticas, elas podem contribuir para a construção do gênero, e situam-se antes a um nível local de resistências na subjetividade e na autorrepresentação<sup>4</sup>.

Desse modo, tomo o filme como uma bricolagem de artefatos semióticos difusos que abrem possibilidades para a constituição heterotópica (FOUCAULT, [1966/1967] 2009) de um espaço (outro) de negociações de si (enquanto sujeito de gênero e de sexualidade). Essa abordagem permite-nos considerar que esses arranjos estéticos constituem-se como “práticas de representação” e “inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 23).

Desse modo, produzindo “alianças táticas” para a reversibilidade das posições de assujeitamento e abjeção do corpo velho e homossexual e das formas de produção de prazer, a pergunta que deriva dessa problematização é: algo nessas narrativas pode agenciar forças subversivas ou que digam respeito a uma sorte de ascese direcionada a uma vida criativa? (FOUCAULT, [1984a] 2001). As memórias (que falam de uma política de subjetivação) do homossexual idoso representadas como zonas de abjeção – as zonas inóspitas e inabitáveis da vida e isolamento social – podem apontar para possibilidades de ressignificação do corpo, do gênero e da sexualidade e/ou mesmo estourar as significações (homo/hetero)normativas na (re)invenção da homossexualidade? Isto é, o erotismo e os prazeres da sexualidade encontram espaços de resistência às hetero/normas (e à homonorma)?

---

<sup>4</sup> A tradução é minha.

É possível pensar que uma sorte de “tráfico de significados”, como sugere Preciado (2011), ocupa lugar no cinema e perfura as representações normativas, fazendo com que esses espaços constituídos da presença de homens idosos produzam fissuras nos discursos que instituem a sexualidade como um dispositivo de verdade sobre os sujeitos, ressignificando ainda a noção de humano produzida na modernidade?

Nessa obra de ficção<sup>5</sup>, que mistura retalhos de uma história de vida aos desafios do envelhecimento e da sexualidade, a figura do criador do filme *Frankenstein* é narrada pelo cineasta sem fazer economia de representações, tampouco faz apelos vitimizantes sobre a homossexualidade. O diretor se posiciona em contestação aos discursos docilizadores do envelhecimento, especialmente na relação com a sexualidade. Ele não nos furta à vulgar representação mais comum da “bicha velha”, contestando o destino culturalmente inventado da economia do prazer e da abjeção. Condon traficante de significados.

Estamos diante da figura de uma *bicha* abandonada, certamente. Mas ainda um pouco bem “safada”, vivendo as vertigens do seu tempo e das suas múltiplas temporalidades que a assombram. “Demenciada”, a personagem principal do filme se vê às voltas com o desejo por um homem do tipo jovem, pobre e musculoso, cujos interesses parecem obscuros e perigosos; porém os argumentos do diretor são contundentes em sua crítica à homonormatividade, especialmente na forma canonizada de perceber qualquer relação entre um homem gay idoso e um jovem, em que a pressuposição da ausência de desejo e o interesse financeiro parecem oferecer uma representação com pouca margem de contestação. Isto é, o idoso é ficcionado como um sujeito monstruoso, um sujeito expurgado das representações do desejo e do prazer. Essa afirmação encontra sua contestação em estudos como os de Santos (2012), Pochay (2011) e Paiva (2009), especialmente ao indicarem a circulação de afetos e desejos que marcam algumas sociabilidades homoeróticas, cujo sujeito da centralidade/organização do desejo é idoso.

Artifício de realidade, *Deuses e Monstros* é uma obra ambígua que materializa a agonística das relações humanas na trama da criação do belo e do abjeto – “uma dessas violentas e obscuras rebeliões do ser contra aquilo que o ameaça e que parece vir de fora ou de um dentro exorbitante, lançado para além do alcance possível e do tolerável, do pensável” (KRISTEVA *apud* COHEN, 2000, p. 53).

---

<sup>5</sup> *Deuses e Monstros*. Gods and Monsters (1998, Inglaterra). Direção e roteiro Bill Condon; Elenco: Brendan Fraser, David Dukes, Ian McKellen, Kevin J. O'Connor, Lolita Davidovich, Lynn Redgrave; Produção: Gregg Fienberg, Mark Harris, Paul Colichman; Fotografia: Stephen M. Katz; Trilha Sonora: Carter Burwell; Duração: 120 min.

Butler aponta que a ideia de abjeção corresponde a uma zona de inabitabilidade que confere o limite definidor de um sujeito:

[...] ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativo ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (BUTLER, 2000, p. 155-156).

Pouquíssimas pessoas, eu creio, deitam com essa ideia de uma erótica na velhice. O argumento de Butler ajuda a compreender o movimento de forclusão e abjeção: como uma operação que faz algo/alguma coisa “permanecer indizível para que os regimes de discurso contemporâneos possam continuar a exercer seu poder” (BUTLER, [1997] 2004a, p. 217). Ou seja, um não dito que é de outra parte projetado na figura do monstro como signo dessa relação de poder, como um fantasma moral:

O monstruoso espreita em algum lugar naquele espaço ambíguo, primal, entre o medo e a atração, próximo ao centro daquilo que Kristeva (1982, p. 1) chama de “abjeção”: Há na abjeção uma dessas violentas e obscuras rebeliões do ser contra aquilo que o ameaça e que parece vir de um fora ou de um dentro exorbitante, lançado para além do alcance possível e do tolerável, do pensável. Ela está ali, muito próxima, mas inassimilável. Ela incita inquieta, fascina o desejo que, entretanto, não se deixa seduzir. Assustado, ele se afasta; enojado, ele se recusa... Entretanto, ao mesmo tempo, esse ímpeto, esse espasmo, esse salto é atraído para outro lugar que é tão tentador quanto é condenado. Incansavelmente, como um inescapável bumerangue, um vórtice de atração e de repulsão coloca aquele que está habitado por ela literalmente ao lado de si mesmo. Esse eu, ao lado do qual tão repentinamente e tão nervosamente nos colocamos, é o monstro (COHEN, 2000, p. 52).

Não dito e silêncio cercam também o terreno das políticas de identidade – ou das identidades ditas desviantes ou minoritárias. Afinal, qual é o corpo que importa para os movimentos LGBT e que memórias devem ser celebradas nas narrativas LGBT? De outra forma, que aparência e idade pesam nos jogos políticos e culturais *queer*, lésbicos, trans ou gay? Que representação

de corpo é possível de ser veiculada e imaginada como uma vida a ser vivida e “protegida” diante das disputas políticas de reconhecimento? Basta abrir quaisquer mídias gays ou mesmo *queer*, bem como conferir os materiais de publicidade e educacionais produzidos por grande parte das ONGs LGBT<sup>6</sup>, para perceber a ausência de referentes ao corpo idoso (POCAHY, 2011).

### **Uma narrativa (cinematográfica) do desejo: o corpo contestado**

O filme aciona a ficção de fatos sobre os últimos meses da vida do diretor de cinema James Whale, descrito como “uma figura enigmática, nunca à vontade em Hollywood e que acabou por morrer, como num argumento da Universal, ‘afogado na sua piscina, em circunstâncias misteriosas” (THOMSON *apud* BARROS, s/d).

Mr. Whale, interpretado por Ian McKellen, também um ator assumidamente gay, foi realizador de notórios filmes *camp*<sup>7</sup> como *A Noiva de Frankenstein* e *O Homem Invisível*, na Hollywood conservadora dos 1930. Ele é o centro de uma das poucas ou únicas cenas do cinema contemporâneo gay<sup>8</sup> (também situado no plano do cinema independente e alternativo) ao abordar o tema da velhice.

Por isso, antes de avançar no texto, cabe destacar algumas reflexões no campo das homossexualidades e do envelhecimento como prelúdios e planos rápidos de problematização sobre o que abordarei adiante: a cena intergeracional em uma relação de amizade e erotismo entre homens.

No que diz respeito especificamente à velhice, concordo com as ideias de Lagrave (2009), ao considerá-la como um lugar de contestação privilegiado, uma vez que apresenta tensões das normas do gênero e da (homo)sexualidade.

---

<sup>6</sup> Uma das poucas e primeiras ONGs a articular projetos e intervenções para gays idosos (mesmo que tardiamente) foi o Grupo Nuances de Porto Alegre. A campanha *Prazer não tem idade* (2003) e o documentário *Meu tempo não parou* (2008) exemplificam as tensões produzidas na exclusão e, ao mesmo tempo, nas formas de resistência quando se trata de homossexualidade e velhice.

<sup>7</sup> Susan Sontag (1987 *apud* LOPES, 2002), define *camp* como “uma predileção pelo artificial e pelo exagero, por um tipo de esteticismo, uma forma de ver o mundo como um fenômeno estético”. Na esteira dessa ideia, Lopes (2002) sugere que o *camp* não pode ser definido como uma experiência estética gay, mas ele tornou-se um elemento importante em muitos dos movimentos que definem as experimentações das homossexualidades.

<sup>8</sup> Lopes (2006) produz uma importante reflexão sobre a crítica de cinema proposta a partir das articulações entre os movimentos feministas, gays, lésbicos e transgêneros, apontando como as questões da arte e da cultura passam a ser tratadas desde a emergência desses movimentos de contestação, especialmente na sua radical crítica. Segundo Lopes (2006), esses movimentos levaram ao questionamento da cultura e da arte não somente como criadoras, mas como reafirmadoras ou críticas dos clichês das representações de gênero e da sexualidade. Nesses termos, conforme o autor, a indústria cultural hollywoodiana e a TV se constituem como os alvos principais da crítica de gênero, sexualidade e sobre as relações étnico-raciais.

Conforme Simões (2004, p. 419), “se por um lado as identidades gestadas dentro da 'cultura gay' podem ser vistas como aprendizado e desenvolvimento de estilos de vida corporais, [...] por outro elas também só fazem reforçar os contrastes entre a juventude resplandecente e a velhice sombria”. Assim, diante desse argumento, pouco restaria aos idosos homossexuais senão o niilismo, o recolhimento e o abandono de si. Esse argumento pode ser acoplado às ideias de Daoust (2005), quando afirma que nossas sociedades contemporâneas são obcecadas pela juventude. Ela aponta ainda que a lógica discursiva que define a juventude está ligada a uma concepção de sexualidade que não faz unicamente referência à beleza, mas também à atividade sexual e à possibilidade de esse corpo novo ter um desempenho juvenil (POCAHY, 2011).

Em estudo intitulado *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*, Pochay (2011) analisa formas de regulação do gênero e da sexualidade em interseccionalidade com a 'idade', problematizando discursos objetivadores sobre as experimentações de homens idosos que exerciam práticas homo/eróticas em espaços de sociabilidade orgiásticos (saunas, bares, boates e videolocadoras pornô). Em busca de estratégias de contestação às significações desqualificantes sobre a (homo)sexualidade e o envelhecimento, o autor destaca as relações de poder em torno das formas de regulação da vida que se interseccionam às 'marcas' e 'habilidades' do corpo, aos discursos de racialização humana, às relações sociais abertamente tarifadas, à classe social, às representações de masculinidade e à 'orientação sexual' como forma de compreender a hetero<sup>9</sup> e a homonormatividade<sup>10</sup> como regimes discursivos que trabalham na produção de uma cultura hetero/sexista e antienvelhecimento<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> A heteronormatividade, nos termos de Louro (2009, 2004), enquanto prática regulatória nas formas de performar o gênero e de experimentar a sexualidade, considerando-se em seu fundamento a compulsoriedade da heterossexualidade (em seu caráter de suposta evidência, isto é, de que todo mundo nasce e é heterossexual, e nos seus privilégios sociais, dado seu caráter de algo natural e inquestionável – a partir da linha de inteligibilidade amalgamada em corpo/sexo-gênero-sexualidade/prazer/desejo). O processo heteronormativo de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se faz acompanhar pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos abertamente preconceituosos (LOURO, 1997).

<sup>10</sup> A norma homossexual – homonormatividade – também não hesita em significar como precários e desprezíveis os espaços de sociabilidade dos ditos 'desviantes' do bom modelo da homossexualidade ou do bom gênero da homossexualidade, na sua intersecção com outros marcadores socioculturais de identidade e diferença, como raça/etnia, classe social, aparência corporal, localidade, entre outros.

<sup>11</sup> Segundo as contribuições deste estudo produzido a partir de duas entradas de campo: a) uma sauna e videolocadora pornô frequentada por homens idosos e b) um bar onde as relações se organizam em torno do protagonismo de homens idosos e de garotos de programa, podemos considerar a urgência da ampliação das formas de compreender as distintas e variadas formas de viver a (homo)sexualidade nas tramas discursivas da homonormatividade, as quais são consideradas pelo pesquisador como importante dispositivo na reificação da velhice como uma forma de abjeção (POCAHY, 2012a, 2012b).



Associando-me a outros estudos específicos sobre homossexualidade masculina e envelhecimento, como os trabalhos de Simões (2004), Paiva (2009) e Santos (2012), ousa afirmar que muitas são as disputas que envolvem as significações do envelhecer e que a sexualidade talvez funcione como esse dispositivo dinâmico da biopolítica (FOUCAULT, [1976] 2006) que opera de forma particular com o 'pesar' da idade, prendendo durante mais tempo esse corpo às moralidades médicas, religiosas, educacionais e jurídicas. Nesse sentido, consideramos que os discursos de sexualidade e velhice são estratégias descontínuas instáveis, constituindo ao mesmo tempo instrumentos e efeitos de poder (ALVARENGA; MEYER, 2013, p. 248).

No rastro dessas ideias, poder-se-ia levar em consideração o argumento de que os idosos teriam dificuldades para incorporar certas flexibilizações em relação às condutas de gênero e para o exercício da sexualidade. Mas isso, acredito, oferece-se mais como um fantasma normativo. Evidentemente, como demonstra Bozon (2009, p. 125), “[...] as gerações idosas de hoje praticam um repertório mais largo do que aquelas de ontem, na medida em que elas passaram sua vida adulta em um contexto de ampliação das possibilidades e de diversificação dos percursos afetivos”.

Sugiro pensarmos na noção de norma, nas suas representações e nas performances que se produzem desde seus engendramentos discursivos que ficionam formas que procuram conservar perenes os atributos de gênero e sexualidade para cada idade da vida. No entanto, essa regulação e medida deixa escapar na agonística das tensões geracionais formas de contestação e de resignificação da abjeção (POCAHY, 2012a, 2012b). Trata-se aqui, portanto, de destacar a produção de um campo de possibilidades aberto em uma das margens do “grande continente cinza” (LE BRETON, [1990] 2008), como é representada a sexualidade na velhice. Por ser um continente delimitado no projeto moderno, “a velhice desliza lentamente para fora do campo simbólico, ela se afasta dos valores da modernidade: a juventude, a sedução, a vitalidade, o trabalho, a performance de desempenho, a rapidez” (LE BRETON, [1990] 2008, p. 210).

Outro aspecto a ser considerado nessa reflexão é o de que não é possível dizer que todos os “velhos” compartilham de uma mesma geração ou ainda que não haja idosos de distintas idades – como “velhos jovens” e “velhos velhos” (LINS DE BARROS, 2006). Múltiplas gerações compartilham espaços, veiculam e contestam as representações da velhice. Entre essa profusão de representações em uma mesma sociedade, aos velhos jovens, afirma Lins de Barros (2006), estariam abertos os espaços públicos, ao passo que, aos mais velhos entre os velhos, o campo privado (fechado) seria o destino.

No movimento das novas formas de gestão da 'vida velha' ou, como aponta Debert (2005, p. 27), da “velhice reprivatizada”, observa-se que os dramas particulares dos idosos transformam-se em responsabilidades individuais, equivalendo a uma ideia de que eles “negligenciaram seus corpos e foram incapazes de se envolver em atividades e relacionamentos motivadores”.

Esses processos de representação da velhice são ainda determinados por condições econômicas que, evidentemente, podem estar presentes no acesso que distintas “populações de velhos” têm às tecnologias e aos estilos de vida associados à terceira idade saudável e ao envelhecimento jovem (MOTTA, 1997; LINS DE BARROS, 2006). Para Motta (1997, p. 133), a concepção de terceira idade é positiva, mas ela também pode carregar consigo o “eufemismo/escapismo negador da velhice e uma indústria e produção de serviços, com um novo e envolvente mercado”.

Segundo Le Breton ([1990] 2008, p. 145), no rastro dos jogos modernos, construiu-se a velhice como grau zero de sedução: “a pessoa idosa porta seu corpo à maneira de um estigma, onde a ressonância do estigma é mais ou menos presente segundo a classe social à qual a pessoa pertence e segundo a qualidade da rede familiar”. Le Breton aposta na ideia de um desinvestimento de si, obrigatório, como uma 'sentença' social. Mas, eu me pergunto (e por isso a proposta de análise desse filme): seria mesmo assim?

Outro argumento que corrobora essa perspectiva diante das ciladas da cultura gay homonormativa, matizada no corpo belo, branco, magro, possuidor de um certo capital cultural e financeiro, enfim, um corpo digno a ser zelado e protegido (como se os outros não fossem merecedores), vem de encontro à crítica de Eribon (2003, p. 22):

O culto da juventude parece ser um dos traços mais constantes da cultura gay (sem dúvida isso é menos verdadeiro na cultura lésbica). [...] De fato, em relação aos discursos e imagens hostis descrevendo a homossexualidade como um agente de decadência e de destruição da sociedade são historicamente opostos aos contradiscursos e às contraimagens que buscaram legitimar o amor entre homens em momento da beleza dos jovens. O que seguidamente nos dá a impressão ao ler revistas gays é que somente os jovens belos podem ser homossexuais.

### **O desejo e o 'monstro': a idade como dispositivo e tela de vida**

Considerando essas ficções culturais, compreendo a idade como uma categoria política, histórica e contingente, assim como o são o gênero, a classe

social, a sexualidade ou a raça. No entanto, isso não acontece de forma isolada, pois o marcador etário e geracional dificilmente pode ser pensado sem essas intersecções. Isso significa dizer que a idade organiza a vida ao conferir uma posição de 'humanidade' em diferentes formas e condições político-culturais – no mesmo instante em que gênero e sexualidade se tornam visíveis e possíveis nessa trama discursiva, estabelecendo possibilidades e limites para cada uma das idades da vida e, do mesmo modo, possibilidades de contestação às normas e às objetivações que cercam a experiência do envelhecer.

Talvez, *Deuses e Monstros* seja uma versão divinamente *camp* para a vida de um velho, Mr. Whale, especialmente a partir do recurso de “predileção pelo artificial e pelo exagero, (e) por um tipo de esteticismo, uma forma de ver o mundo como um fenômeno estético” (SONTAG *apud* LOPES, 2002, p. 5), para aliviar a dimensão trágica do roteiro e das objetivações e normatizações sobre o corpo idoso (ou mesmo do seu incontestável sofrimento físico pela doença degenerativa).

Na obra de Condon, Mr. James padece de uma degeneração cerebral grave e seus pensamentos expressam um fluxo de memórias, ora atormentadas, ora prazerosas – uma tempestade de sensações que arrebatam o septuagenário em memórias de um passado que tentou a vida toda esquecer (ou acomodar) –, e de lembranças das humilhações pela homossexualidade adolescente, da pobreza da família e dos amores juvenis. Solitário e já nem tão famoso, os seus últimos dias são vividos em companhia de uma empregada fiel e temerosa a Deus.

A chegada de um belo e jovem jardineiro, um homem bruto e introspectivo, interpretado por Brendan Fraser, movimentava o nada pacato exílio da personagem principal. O olhar desejoso de Mr. Whale sobre o jovem é desconcertante – ao menos do ponto de vista de certa moral – pedagógica, científica ou religiosa. Seu interesse é vistoso e corajoso. E, aos poucos, a relação com o rapaz transforma-se em uma audaciosa, delicada e intensa amizade, em que o lugar do erótico permanece viril e ainda mais vivo, misturando-se às invasões oníricas de situações, entes e amantes do passado do velho protagonista.

A trama é costurada pela figura mítica do monstro Frankenstein, um ser feito de retalhos humanos. Um corpo abjeto e, possivelmente, aquilo que “foi expelido do corpo, descartado, tornado literalmente 'Outro'” (BUTLER, 2000, p. 190), que tanto materializa as marcas do poder que determinam em nossa cultura ocidental moderna que corpos importam e quais não importam quanto sugere possibilidades de reinvenção de si, em especial, através de uma

estética para a existência. Criador e criatura materializam o abjeto, cruzam as fronteiras da normalidade: “Parece(m) uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do 'não eu' como abjeto estabelece as fronteiras do corpo [...]” (BUTLER, 2003, p. 190-191).

Com o seu clássico *Frankenstein*, Mary Shelley contestava

seu contemporâneo movimento artístico ao colocar para o mundo um fruto tão malformado do Romantismo, Ser que nem nome mereceu, mas que por outro lado cativou àqueles que, por qualquer motivo, já se sentiram injustiçados por algum tipo de rejeição colocada pela sociedade ou norma injusta a ela ligada (FAUZA, s/d).

Frankenstein é um pouco todas aquelas e todos aqueles que cruzam as fronteiras da norma. É também o monstro velho Mr. Whale. E, embora personificado neste, por vezes, é a figura do jardineiro que o incorpora (fisicamente Mr. Boone se parece com o monstro e se ensaiam diversas cenas que jogam com a figura do belo jardineiro e a do bizarro Frankenstein).

O Monstro ou o nome que se dá aqui ao abjeto traduz as figuras do homossexual e do velho. Iacub (2007, p. 72) corrobora a representação abjeta da velhice na modernidade, referindo-se às concepções médico-morais em que “os atributos ligados à sabedoria com os que haviam sido revestidos à imagem dos velhos transformaram-se e surgiu um novo imaginário, no qual o corpo do ancião apareceu como uma curiosidade próxima ao monstruoso”.

O cruzamento de uma fronteira significa também a possibilidade de uma virada de jogo. Segundo Foucault ([1984c] 2001), nós não podemos nos colocar fora da agonística das relações porque em nenhuma parte estamos livres da correlação de forças presente nas relações de poder; o que podemos fazer é virar o jogo. Nos termos de Foucault ([1995] 2013), uma relação agonística se constitui através “de incitação recíproca e de luta; tratando-se, menos de uma oposição de termos que se bloqueiam mutuamente do que de uma provocação permanente” (Ibidem, p.245).

Isso significa dizer, no rastro do pensamento de Butler (2000), que a nomeação interpelativa (velho homossexual ou “bicha velha” ou um homem que não corresponde ao ideal heterossexual normativo) pode ser ao mesmo tempo referente de estabelecimento de uma fronteira e a reinstalação repetida de uma norma. Mas, é também o convite à mobilização política que nos conduz à possibilidade de circulação das posições sobre o discurso do “sexo e, em

particular, acerca da geração – incluindo uma problematização das figuras de identidade sexuais em sua intersecção com as idades da vida, como possibilidades heterogêneas, não naturais e tampouco culturalmente universais”.

Podemos perceber, na narrativa em tela, a possibilidade de ressignificação da interpelação injuriosa sobre a homossexualidade e o envelhecimento, como aquelas que objetificam as relações de erotismo e a amizade como fronteiras de abjeção. Isto é, ao idoso restaria a resignação diante das constantes suspeitas de que todos os seus atos e condutas se constituem na experiência da perversão, do patológico... E de que nenhum desejo lhe é dirigido. Amor, sexo e erotismo parecem, dessa forma, forcluídos do campo representacional da velhice. Assim, a qualquer aproximação de um idoso a um jovem ou a outro idoso, o desejo e o tesão são posicionados em suspeita, constituindo-se objetos de vigilância e punição. No entanto, não foi isso o que encontrei em meus estudos realizados até o momento e, em minha aposta, *Deuses e Monstros* rasga essa cena da abjetificação-objetificação.

### **Masculinidades sob rasura: a amizade em cena**

*Deuses e Monstros* é um filme que apresenta a amizade enquanto relação social e prática cultural; e, nesse sentido, como possibilidade de reinvenção de si, como modo de vida que nos permite apostar em outras maneiras de aprender a viver.

A relação intergeracional no filme sugere que pensemos na ideia de ética do cuidado de si e da amizade (FOUCAULT, [1981] 2001). Nestes termos o filme explode com as representações de desejo bizarro ou de um interesse ou relação “menor” entre um velho e um jovem. A ancoragem nas técnicas de si propostas Foucault (1981 [2001]) nos permite compreender a relação da amizade enquanto prática social ascética. É certo que a proposta de Foucault não é a de procurar no passado (Grécia Antiga) um modo de vida a ser atualizado ou copiado. Mas de pensar como aprendemos a reconhecer-nos como sujeitos.

Foucault ([1984b] 2001) aponta-nos, dessa forma, para a ideia de pensar como os sujeitos constituem-se a partir da relação que se produz em um confronto consigo, diante de determinados jogos de verdades, na perspectiva em que o sujeito constitui-se historicamente como experiência – daquilo que diz respeito a alguma coisa da qual a gente sai transformado (FOUCAULT *apud* REVEL, 2002). Essa(s) experiência(s) produz(em) sujeitos nas múltiplas

objetivações que os situam como jovens, velhos, homossexuais, loucos, doentes, desviantes, trabalhadores, viventes ou falantes, ou ainda, como sujeitos do desejo.

Meu olhar sobre *Deuses e Monstros* é direcionado à problematização dos jogos de verdade que instituem em nossas sociedades a preferência pela juventude, a antipatia pela velhice e o que essa cena de cinema pode abrir na trama discursiva acerca da sexualidade e das relações sociais intergeracionais entre homens. Nesse movimento, o filme pode ser pensado como um ensaio agonístico e uma possibilidade de estranhamento e disputa a respeito da moralidade moderna e do que nela constitui-se como uma vida menor, desprezível e ignóbil.

Se, por um lado, toca-nos a suposta “decadência” e se, de outra parte, insinua-se no filme uma “degenerescência moral” de Whale (ou em trocadilhos a desgnerificação do corpo de um homem pelas suas práticas, dentro dos jogos da heteronormatividade), não é sem pouco encanto que se pode perceber como sendo doce, belo, saudável e bom o jovem jardineiro (presumidamente heterossexual). Essas representações parecem recorrentes na história das concepções ocidentais sobre envelhecimento ou, pelo menos, constituem sentimentos produzidos na cultura. Elas parecem atingir o seu ápice quando se considera a chamada cultura gay dos centros urbanos e das metrópoles, no apelo aos corpos juvenis como referentes de uma vida possível.

Ainda que a homossexualidade presente no filme refira-se a experimentações pré-Stonewall (acontecimento que marca a reviravolta epistêmica e política no movimento de liberação homossexual – a esse respeito, ver CHAUNCEY, 2002), o cenário é intuitivamente marcado em aproximação àquilo que Simões (2004, p. 418) define como sendo constituído pelo “hedonismo e pela obsessão com atributos físicos capazes de suscitar atração e desejo, em que tudo parece girar em torno de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza”.

Esse argumento pode ser mais bem entendido a partir de Daoust (2005), quando afirma que nossas sociedades contemporâneas são obcecadas pela juventude, apontando ainda que a lógica discursiva que as define está ligada a uma concepção de sexualidade que não faz unicamente referência à beleza, mas também à atividade sexual, à possibilidade desse corpo 'novo'. No entanto, a contradição revela a agonia do olhar incansável sobre esse objeto saturado de sexualidade e, ao mesmo tempo, inundado de regulações e de práticas normalizantes.

*Deuses e Monstros* parece apresentar possibilidades de ruptura e um rearranjo ou uma “recomposição” estética que força uma abertura na rede discursiva que encerra os corpos e determina destinos. É a amizade que parece desestabilizar a cena na qual, a grosso modo, seríamos impelidos a tomar como evidente: um “velho assanhado” envolvido por um jovem bonito e pobre. O fato de Mr. James Whale se apaixonar ou não pelo jardineiro não se constitui enquanto um problema nesta análise, sendo bem possível que o jardineiro em algum momento tenha sucumbido às seduções do velho diretor de cinema – talentoso e famoso. No entanto, o centro desta problematização aponta para outro sentido. Ele nos conduz às relações capazes de instaurarem novas formas de transmissão acerca do envelhecer na experiência da homossexualidade.

Assim, é a relação que se instituiu na tensão do cruzamento das fronteiras de gênero e sexualidade entre os dois protagonistas do filme que descortina um modo estranho (*queer*) de transmitir os saberes e experimentar os prazeres.

Se bem Mr. Whale, em seus pensamentos tomados pelo passado, apresenta a Mr. Boone os modos de experimentação da sexualidade homoerótica (não sem causar inicialmente certa repulsa ao jovem), é aí que o calado e solitário jardineiro também tem a chance de ensaiar um estranhamento de si, algum deslocamento da suposta 'identidade masculina', o que o permite imaginar-se enquanto sujeito portador de um passado em meio a uma vida de memórias obscurecidas pela heteronormatividade – que em muitos de seus aspectos pode aplacar as experiências de afetividade, emoção e suavidade como opostos 'naturais' da masculinidade (heterossexual). Enquanto fuzileiro naval, assim como seu pai, não participou das guerras que conferiam aos homens estadunidenses um sentido importante de masculinidade (Boone, por causa de uma apendicite, é excluído, assim como seu pai, que perde o embarque para a Guerra).

Esse fato, entre outras performances normativas da masculinidade, não lhe permitia imaginar-se como um sujeito que pudesse contar ou ter uma grande história – não era um 'verdadeiro homem'.

A cena em foco prontamente nos remete a uma desestabilização de uma relação marcada pelo dispositivo de gênero, desde a assunção de certa masculinidade hegemônica. Afinal, Mr. Boone, ao exibir retalhos não reconhecíveis de certa figura de masculinidade (ou do esperado para tal), posiciona-se na hierarquia de gênero como uma masculinidade fraturada.

Da mesma forma, os problemas de gênero se ampliam através da relação com o 'desviante' Mr. Whale. Para desestabilização da representação de

masculinidade do jardineiro, 'a bicha velha' não fugiu à luta e viveu de forma intensa um grande amor homossexual nos campos de batalha. Parece que aqui o monstro torna-se herói e belo. Whale desafia o texto sagrado da masculinidade e trafica os significados da hombridade, afirmando que em uma trincheira pode não haver ateus, mas os (amigos)amantes estão lá, referindo-se ao seu companheiro morto na trincheira (Whale acompanha desde a trincheira o corpo de seu namorado cravado sobre uma cerca, a alguns metros de si).

Nesse ponto de problematização, cabe recuperar as reflexões de Foucault ([1981] 2001) ao sugerir que a amizade constituiu uma forma de relação social importante, especialmente entre os gregos, na direção de uma relação no interior da qual os indivíduos dispunham de certa liberdade e/ou certo tipo de escolha (limitada, ressalva o autor), mas que lhes permitia viver relações afetivas muito intensas. Na modernidade, o desaparecimento da amizade como relação social é contemporâneo ao fato de a homossexualidade ter passado a ser declarada como um problema social, político e médico, fazendo parte de um mesmo processo, ou seja, aquele do domínio dos corpos e dos prazeres, passando da sodomia abominada pelo cristianismo (a condenação dos atos) à sexualidade inventariada e medicalizada na figura da emergência de um indivíduo homossexual (FOUCAULT, [1981] 2001). Ainda, há o inventário da velhice:

entre as representações sociais e científicas mais destacáveis do século XIX, encontramos uma perspectiva medicalizada da velhice [...]. foi estabelecida uma diferença essencial entre os corpos 'normais' (jovens) e os 'patológicos' (velhos). A perspectiva vitoriana da saúde e da doença construiu ideais opostos, regidos por uma normalização moral de ambos os estados (IACUB, 2007, p.95).

A partir das reflexões de Eribon (1999), podemos arriscar atribuir certo movimento nesse filme que se aproxima das sociabilidades gays que se fundariam sobre uma prática e uma política da amizade, no sentido de um trabalho de construção de belas e solidárias relações com seus amigos. Seria possível acrescentar, talvez, a propósito de uma perspectiva *queer*, sociabilidades estranhas àquelas impetradas pela heterossexualidade normativa, consagrando, dia após dia, a procura da intensificação dos prazeres pela erotização dos corpos (ERIBON, 1999), não no sentido de sua medicalização, de seu funcionalismo pronto à previsão, mas de compreender os corpos, os prazeres, no sentido de que nossas vidas constituam-se como obras de arte, como aponta Foucault ([1984b] 2001).



Nos últimos trabalhos de Michel Foucault, vemos de forma radical a ideia de uma virada de jogo, da invenção de novos jogos, diante da trama dos discursos de verdade a respeito dos prazeres, do corpo, da sexualidade. Ao buscar na homossexualidade um desses analisadores, Foucault nos conduz a pensar a amizade como um campo de possibilidades que alargariam nossas margens de liberdade – na produção de uma ética, estética e política para a existência<sup>12</sup>.

### **A homossexualidade como política da amizade: problematizando novas cenas na produção de subjetividade**

Em *Deuses e Monstros*, temos permissão para apostar em uma forma de compreensão da sexualidade e das relações ao seu entorno compreendidas na dimensão de uma ascese. As experimentações de Mr. James nos fazem pensar não em uma humanização dos idosos, mas na possibilidade do escárnio da moral medicalizante ou religiosa que encerra muitas das formas de compreensão e intervenção quando o tema é o envelhecimento.

Seguramente essa seria uma perspectiva muito afastada daquela criticada por Motta (1999, p. 219), quando afirma que encontramos “grupos ou programas de propostas culturais ou educacionais de variadas formas e eficácia e (que) têm a equivocada pretensão de ensinar os velhos... a viver!”.

Todos os monstros estão aqui – somos todos monstros em oposição à ficção de sujeito moderno. É assim que se refere uma personagem quando da reunião forçada do diretor Whale e de seus personagens principais, hoje também velhos como ele – Frankenstein e sua Noiva. Para Cohen (2000, p. 55),

[...] os monstros nos perguntam como percebemos o mundo e nos interpelam sobre como temos representado mal aquilo que tentamos situar. Eles nos pedem para

---

<sup>12</sup> Segundo Foucault ([1984 a] 2001), a ética se refere a uma prática, a maneira como cada um reflete sobre a forma como se constitui a si mesmo como sujeito moral inserido em um determinado código. Ou seja, como apontam Nardi e Silva (2004), a ética pode ser entendida como a problematização dos modos de existência, tanto nas relações com os outros como em relação a si mesmo. Seguindo ainda o rastro foucaultiano, a estética pode ser compreendida na dimensão da produção da existência. Esse conceito aparece notadamente nos últimos trabalhos do autor, em torno da sua *História da Sexualidade*. A ideia de estética de existência, na obra de Foucault, remete-nos à possibilidade de fazermos de nossa existência algo como uma obra de arte. Portanto, como indicam Nardi e Silva (2004), a estética remete para um exercício da sensibilidade em relação ao mundo; de deixar-se afetar pelo outro, como um dos elementos indispensáveis para a prática reflexiva da liberdade. De outra parte, não existe uma definição única de política na obra de Foucault e toda a sua obra pode e deve ser considerada como política, podendo ser tomada como campo de disputa sobre as formas de organização social mediadas pelas relações de saber e poder. Uma ética que aponta para a intensificação da experimentação: “a experimentação como fundamento ético concentra-se na perspectiva do prazer próprio e do outro (do amigo), em vez de uma hermenêutica do desejo” (ORTEGA, 1999, p. 167).

reavaliarmos nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância relativamente à sua expressão. Eles nos perguntam por que os criamos.

É desse modo que podemos pensar que transformar o abjeto em objeto parece ser uma das tecnologias de administração da vida que o filme denuncia. Isto é, a figura do monstro, do repulsivo, indica-nos um ideal oposto à normalidade – informando-nos sobre os corpos-vidas possíveis para uma cultura em determinada época e sociedade.

Mr. Whale diz ao jardineiro que ele (o jardineiro) é humano demais e quer que o mate. Bill Condon prenuncia nesse momento o 'verdadeiro' ou o suposto fim trágico de James Whale na vida real. É sabido que a sua morte suspeita se aproxima do repertório de final de vida bastante presente em alguns modos de vida na experiência gay em contextos globalizados. Ou seja, se não é pelo abandono e pela institucionalização, é a negligência do Estado diante de situações envolvendo mortes de homossexuais que predomina, em que o algoz é sempre considerado a própria vítima – como que tendo procurado seu letal destino (CARRARA; VIANNA, 2001). Um sinuoso heterossexismo reiterado cotidianamente em que alguns podem viver e contar suas vidas, enquanto outros não, é denunciado por Condon.

Condon manteve o tom realista em sua ficção de forma não vitimista, até o fim. No entanto, não deixou dúvidas de um campo aberto a problematizações. O destino dos homossexuais que envelhecem e os perigos que os cercam correspondem a uma dimensão que pode ser mais bem entendida a partir de Butler (2007, p. 48):

[...] cuando perdemos a ciertas personas o cuando hemos sido despojados de um lugar o de una comunidad podemos simplemente sentir que estamos passando por algo temporário, que el duelo va a terminar y que vamos a recuperar cierto equilibrio prévio. Pero quizás, mientras pasamos por eso, algo acerca de lo que somos se nos revela, algo que dibuja los lazos que nos ligan a outro, que nos enseña que estos lazos que nos constituyen lo que somos, los lazos nudos que nos componem. [...] Cuando perdemos algunos de estos lazos que nos constituyen, no sabemos quiénes somos ni que hacer.

A destreza de viver nas fronteiras do que nossas sociedades ocidentais pós-modernas determinaram como humano é o que realmente nos aplaca nesta obra. Entre *Deuses e Monstros* é colocada a insurgência do inusitado: a

dignidade de histórias que não costumam ser contadas ou transmitidas. De acordo com Lopes (2002, p. 113), a partir da perspectiva *camp*, não se trataria nessas performances e invenções estéticas de “[...] afirmação do estereótipo envelhecido da bicha louca, mas o desejo de emprendermos todos, das mais diversas sexualidades e sensualidades, uma nova educação sentimental [...] para além da dor maior da exclusão, da raiva e do ressentimento”. O criador não é morto por sua criatura ou pelos seus desejos “desviantes”. Não há determinismo ou fatalismo. Mr. James Whale, fabuloso cineasta *camp*, tem seu final ficcionado – fabricado – homenageado por outro cineasta gay. A presente análise se deu por um pesquisador também gay.

Ode às derivas do desejo e dos prazeres, *Deuses e Monstros* é um ensaio doce e sensível sobre possibilidades de transmissão de histórias de vida, tendo como tela uma narrativa (homo)erótica. E eu me reinvento nesse jogo de transmissão da velhice e (homo)sexualidade, não como uma fatalidade, mas como a possibilidade de uma vida criativa, já diria Michel Foucault. Identificado como um modo de experimentação da sexualidade, percebo em *Deuses e Monstros* uma pedagogia de contestação, um cinema-ruptura, recusando a monotonia das representações hegemônicas do envelhecer e da vitimização de um corpo supostamente dito menor nas hierarquias da homonormatividade. Esta foi a minha vertigem diante de uma suave e forte narrativa nas/das margens.

## Referências

- ALVARENGA, Luiz Fernando; MEYER, Dagmar Estermann. Práticas Contemporâneas de Significação e (Re)Produção de Corpos Velhos: Estudos de Gênero e Culturais. In: STREY, Marlene *et al.* (Org.). *Gêneros e Ciclos Vitais: desafios, problematizações e perspectivas*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2013. p. 245-266.
- BARROS, Eurico. Comentários. *Deuses e Monstros*. Disponível em: <<http://www.cinema2000.pt/ficha.php3?id=341>>. Acesso em: 12 ago. 2006.
- BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. *Diogène*, n. 225, p. 70-88, 2009.
- BOZON, Michel. Les âges de la sexualité. Entretien avec Michel Bozon par Marc Bessin. In: La tyrannie de l'âge. *Mouvements*, n. 59, p. 123-132, 2009.
- BUTLER, Judith. *Le pouvoir des mots: politique du performatif*. Paris: Éditions Amsterdam, [1997] 2004.
- \_\_\_\_\_. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Vida precária: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007.
- CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. *Homossexualidade, Violência & Justiça: a Violência Letal contra Homossexuais no Município do Rio de Janeiro*. CLAM/IMS-UERJ, 2001. (Relatório de Pesquisa). Documento disponibilizado pelos autores.
- CHAUNCEY, Georges. Après Stonewall, le déplacement de la frontière entre le "soi" public et le "soi" privé. *Revue Européenne d'Histoire Sociale*, v. 3, n. 3, p. 45-59, 2002.
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-62.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel Silveira; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista brasileira de educação*, n. 23, p. 36-61, 2003.
- DAOUST, Valérie. *De la sexualité en démocratie: l'individu libre et ses espaces identitaires*. Paris: PUF, 2005.
- DORLIN, Elsa. De l'usage épistémologique et politique des catégories de 'sexe' et de 'race' dans les études sur le genre. *Cahiers du Genre*, n. 39, p. 83-105, 2005/2.
- DEBERT, Guita Grin. A vida adulta e a velhice no cinema. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (Org.). *Cinema, velhice e cultura*. Cinedebate. Campinas: Alínea, 2005. p. 23-44.

ERIBON, Didier. Entrada « Âge » In: ERIBON, Didier *et al.* (Dir.). *Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes*. Paris: Larousse, 2003.

\_\_\_\_\_. *Réflexions sur la question gay*. Paris : Fayard, 1999.

FAUZA, Michel Jalil. *Frankenstein: criador e criatura*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/f00005.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, [1976] 1997.

\_\_\_\_\_. *Le corps utopique. Les hétérotopies*. Paris: Nouvelles éditions lignes, [1966/1967] 2009.

\_\_\_\_\_. *Defender la sociedad*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina, [1976] 2006.

\_\_\_\_\_. De l' amitié comme mode de vie. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*, 1976-1988. Paris: Gallimard, [1981] 2001. p. 982-986.

\_\_\_\_\_. Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l' indentité. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*, 1976-1988. Paris: Gallimard, [1984a] 2001. p. 1554-1565.

\_\_\_\_\_. Une esthétique de l' existence. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*, 1976-1988. Paris : Gallimard, [1984a] 2001. p. 1549-1554.

\_\_\_\_\_. L' éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*, 1976-1988. Paris: Gallimard, [1984b] 2001. p. 1487-1497.

\_\_\_\_\_. Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*, 1976-1988. Paris: Gallimard, [1984c] 2001. p. 1450-1455.

\_\_\_\_\_. Sobre a genealogia da ética: um panorama do trabalho em curso. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Org.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1995] 2013. p. 296- 327.

IACUB, Ricardo. *Erótica e velhice: perspectivas do Ocidente*. São Paulo: Vetor, 2007.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, p. 103-117, 1998.

LAGRAVE, Rose-Marie. Ré-enchanter la vieillesse. In: La tyrannie de l'âge. *Mouvements*, n. 59, p. 13-132, 2009.

LAURETIS, Teresa de. *Théorie queer et cultures populaires*. De Foucault à Cronenberg. Paris: La Dispute, 2007.

LE BRETON, David. *Anthropologie Du corps et modernité*. Paris: PUF, [1990] 2008.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia*, n. 52, p. 109-132, 2006.

LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

\_\_\_\_\_. Cinema e gênero. In: MASCARELLO, Fernando. *História do cinema mundial*. São Paulo: Papirus, 2006, p.379-394.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: DINIZ, Rogério Junqueira (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-94.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. *Revista Educação e Realidade*, v. 33, n. 1, p. 81-98, 2007.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

MOTTA, Alda Britto. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 13, p. 191-221, 1999.

NARDI, Henrique Caetano; SILVA, Rosane Neves. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: HÜNING, Simone; GUARESCHI, Neuza M. (Org.). *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: ABRAPSO Sul, 2005. p. 93-106.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, v. 3, p. 191-208, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

POCAHY, Fernando Altair. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

\_\_\_\_\_. Vem meu menino, deixa eu causar inveja: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. *Sexualidad, Salud e Sociedad*, n. 11, p. 122-154, 2012a.

\_\_\_\_\_. Entre vapores & vídeos pornôs: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Revista de Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, v. 20, p. 357-376, 2012b.

\_\_\_\_\_. Interseccionalidade: uma prática-teorização feminista possível na “era pós-gênero”? In: DORNELLES, Priscila G.; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Simone V. (Org.). *A Educação Física em diálogo com os Estudos Feministas*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2013. p. 69-87.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Revista de Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 11-20, abr. 2011.

REVEL, Judith. *Le vocabulaire de Foucault*. Paris: Ellipses, 2002.

SANTOS, Daniel Kerry. *Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SIMÕES, Julio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: CARRARA, Sérgio; GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 441-447.

VIGOYA, Mara Vivero. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade en el contexto latinoamericano actual. *Revista Latinoamericana de Estudios de Familia*, v. 1, p. 63-81, 2009.

